

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



**Os desdobramentos da aproximação
entre Índia e França para a dinâmica
do Indo-Pacífico**

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 152 • 24 de novembro de 2021

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Navios da Marinha Indiana](#)

Por: Wikimedia Commons

Fonte: Wikimedia Commons

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/
RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).



CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR EXECUTIVO

Capitão-Tenente Bruno de Seixas Carvalho (University of Birmingham)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

TRADUÇÃO E REVISÃO

Rodrigo Oliveira Dutra Marcílio (UFRJ)

ÁFRICA SUBSAARIANA

Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)
Vivian de Mattos Marciano (EGN)

AMÉRICA DO SUL

Ana Laura Marçal Monsores (UFF)
Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)
Carlos Henrique Ferreira da Silva Júnior (EGN)
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Matheus Souza Galves Mendes (EGN)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Pedro Allemand Mancebo Silva (PUC-Rio)
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Thaïs Abygaëlle Dedeo (Université de Paris 3)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (IBMEC)
Luís Filipe de Souza Porto (UFRJ)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Claudia Menezes Leal Nunes (USP)
Philipe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Adel Bakkour (UFRJ)
Amanda Neves Leal Marini (UFF)
Ana Luiza Colares Carneiro (UFRJ)
Dominique Marques de Souza (UFRJ)
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Vitor Ferreira Lengruber (UCP)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)
Marina Soares Corrêa (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

Alessandra Dantas Brito (EGN)
Bruno Gonçalves (UFRJ)
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)



ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
Parceria Peru-Coreia do Sul na construção naval e a contínua crise política.....	6	O impacto sistêmico do encontro virtual entre Joe Biden e Xi Jinping	12
Energia, clima e estratégia: o projeto argentino de nuclearização e projeção de poder	7	SUL DA ÁSIA	
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		Os desdobramentos da aproximação entre Índia e França para a dinâmica do Indo-Pacífico	
Além-do-horizonte: importância do Sul da Ásia para operações estadunidenses não-tripuladas.....	8	SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
ÁFRICA SUBSAARIANA		Mianmar: crise interna e seus efeitos externos	
Etiópia: Primeiro Adis Abeba, depois a Eritreia?	8	ÁRTICO & ANTÁRTICA	
EUROPA		O despertar da Malásia na Antártica	
No tabuleiro geopolítico europeu: Belarus vs União Europeia	9	TEMAS ESPECIAIS	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		O uso do vento para mitigação das emissões pelo transporte marítimo.....	
O papel da Defesa no desenvolvimento da indústria dos Emirados Árabes Unidos	10	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	18
RÚSSIA & Ex-URSS		Calendário Geocorrente.....	18
A Ucrânia e os impasses da Aliança Atlântica no Mar Negro.....	11	Referências.....	19
		Mapa de Riscos.....	20

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Isadora Novaes e Vitória França

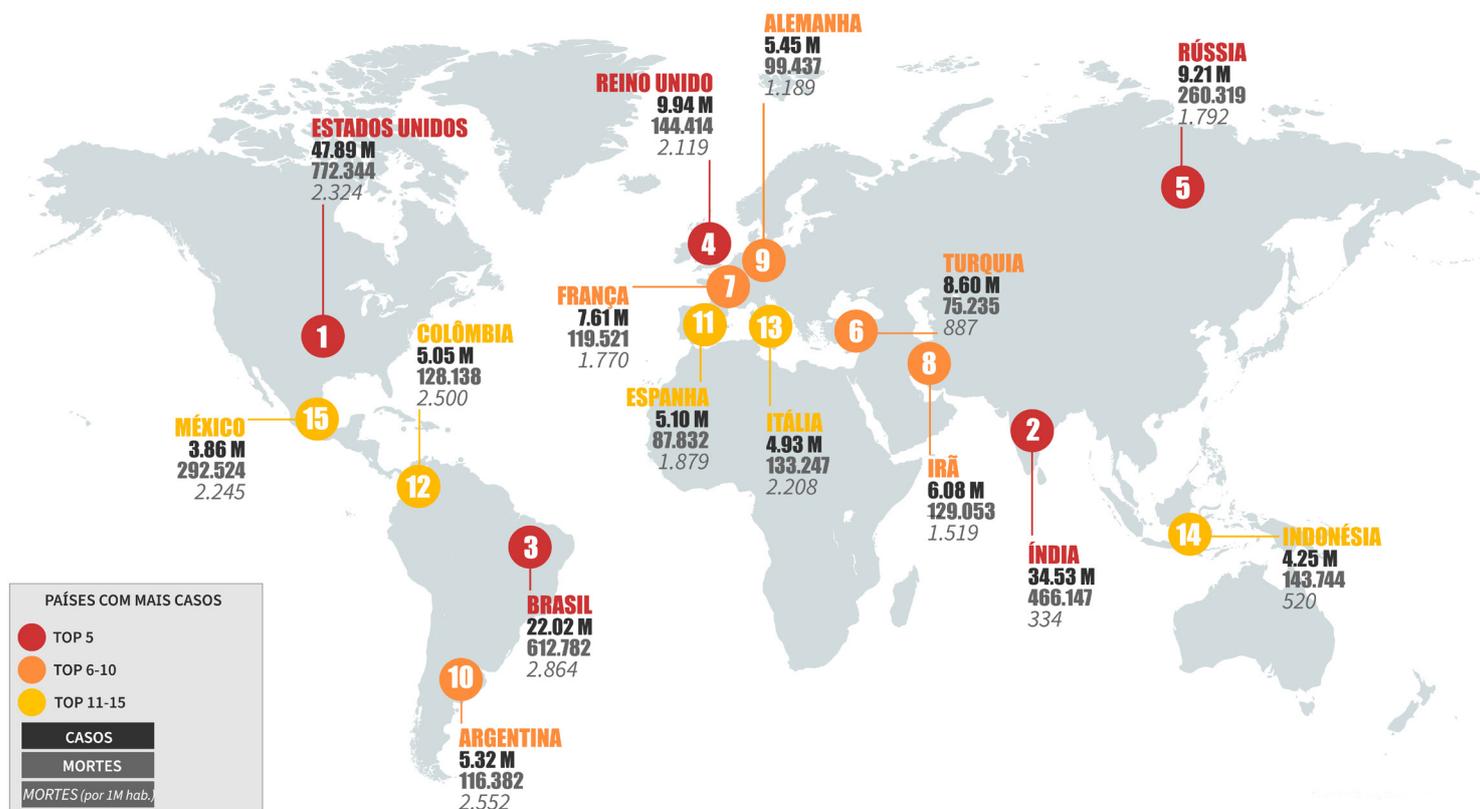


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 20.

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "Our World in Data", publicado no dia 24 de novembro de 2021.

Por: Iasmin Gabriele e Victor Cabral



ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

Países	Total de doses aplicadas		População imunizada (%)*	Vacinas
	milhões	por 100 pessoas		
China	2.449	175	77%	●●●●●●●●●●
Índia	1.183	87	30%	●●●●●●●●●●
Estados Unidos	452.7	136	59%	●●●●●●●●●●
Brasil	297.9	141	61%	●●●●●●●●●●
Indonésia	226.2	84	33%	●●●●●●●●●●
Japão	196.3	155	77%	●●●●●●●●●●
México	131.0	103	50%	●●●●●●●●●●
Turquia	119.6	143	60%	●●●●●●●●●●
Paquistão	121.4	56	23%	●●●●●●●●●●
Alemanha	118.6	143	68%	●●●●●●●●●●

*Percentual da população totalmente imunizada

CanSino	●	Sinopharm/Beijing	●
Covaxin	●	Sinopharm/Wuhan	●
Johnson&Johnson	●	Sinovac	●
Moderna	●	Sputnik V	●
Oxford/Astrazeneca	●	ZF2001	●
Pfizer/BioNTech	●	EpiVacCorona	●

Fontes: Our world in data; The New York Times

Parceria Peru-Coreia do Sul na construção naval e a contínua crise política

Matheus Mendes

A empresa pública *Servicios de la Marina* (SIMA) anunciou, em novembro de 2021, que uma companhia sul-coreana – *Dowha Engineering* – entregou à Marinha do Peru um estudo para a modernização dos estaleiros nacionais de Callao, Chimbote e Iquitos. O trio compõe uma base importante para a construção naval peruana, sendo responsável não apenas por novos projetos, mas também pela manutenção de embarcações e sistemas de armamentos e eletrônicos. Apesar disso, o momento do país ainda é turbulento devido às eleições que ocorreram em abril e junho deste ano e elegeram Pedro Castillo, que acabou de completar o marco de 100 dias de governo sob críticas. Sendo assim, é importante acompanhar os efeitos políticos peruanos e sua possível influência no setor naval.

A parceria peruana com os sul-coreanos não é recente. Em Callao, está sendo realizado o projeto LPD Classe *Makassar*, contratado junto ao estaleiro Dae Sun. Há também um memorando de entendimento assinado em 2012 com o estaleiro *Daewoo* para a construção de submarinos e navios anfíbios. Mais recentemente, em maio de 2021, a SIMA assinou um convênio de colaboração

com a *STX Corporation* a nível industrial e comercial. Esses eventos são exemplos de como a Marinha do Peru tem se modernizado e buscado desenvolver seu setor naval.

No entanto, desde o início do mandato, Castillo vem enfrentando seguidas crises em seu governo. A mais recente refere-se à área da Defesa, ao demitir o então ministro, Walter Ayala, em virtude de desentendimentos quanto aos comandos do Exército e da Aeronáutica peruanos. Esse foi o décimo ministro a deixar o cargo em cinco meses de governo. A opinião pública também não está favorável ao novo mandatário, visando a destituição do presidente recém-empossado, o que prejudica a consolidação de sua política de Defesa.

Portanto, apesar dos avanços da Marinha do Peru no que diz respeito à modernização de seu poder naval, o contexto atual do país, atravessado por instabilidades políticas, não favorece altos investimentos de longo prazo, que poderiam beneficiar sua indústria de defesa. Ainda é preciso estabilizar a economia, sobretudo a desvalorização perante o dólar, e a política no que se refere à governabilidade de Castillo.



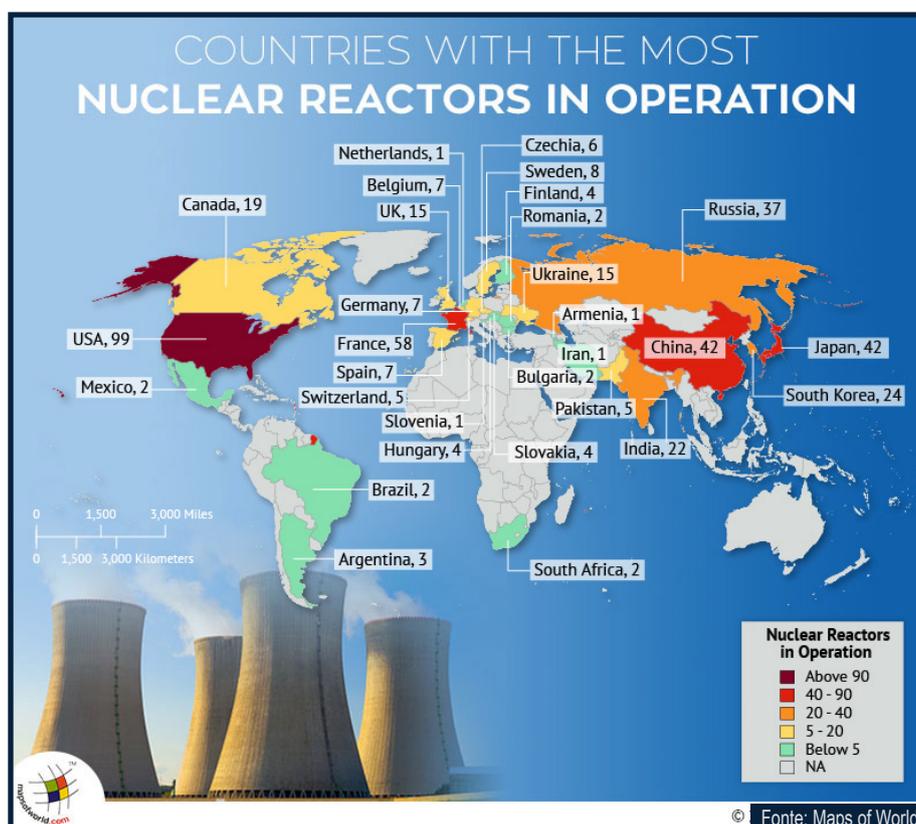
O início da década indica a necessidade de implementação de políticas climáticas efetivas, demonstrando a necessidade de discussões nos campos de energia, estratégia e geopolítica. Nesse contexto, a presença chinesa na América do Sul é cada vez mais notória, em especial no que diz respeito à energia nuclear. Mais precisamente, a cooperação sino-argentina demonstra-se importante, pois revela um cenário internacional marcado pelo questionamento chinês à hegemonia estadunidense no continente americano, e sua necessidade de transição a fontes de energias mais limpas e sustentáveis. Como a presença chinesa na região tem influenciado a política argentina de segurança energética?

Durante a 26ª edição da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP26), o diplomata argentino e diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), Rafael Grossi, ressaltou a centralidade da energia nuclear no processo de transição para matrizes energéticas menos agressivas ao meio ambiente. O posicionamento do diretor-geral da AIEA encontra respaldo em projetos argentinos de reativação e construção de uma central nuclear em Zárate – província de Buenos Aires –, entre 2022 e 2028, viabilizados por acordos entre a gestão Alberto Fernández, a empresa *Nucleoeléctrica*, a corporação

estatal *China General Nuclear Power Group*, e *China National Nuclear Corporation*.

A presença do capital chinês girará em torno de 85%, materializando a presença do país asiático na América do Sul, no setor de renovação energética. Ademais, o acordo nuclear está alinhado com a chamada “Aliança Estratégica Integral”, um esforço diplomático chinês reservado a poucos países. Com objetivos ambiciosos, permite diversificar a matriz energética da Argentina, atualmente centralizada em hidrocarbonetos (a energia nuclear representa 7,5%), bem como fomentar políticas de defesa e estratégia, orientadas ao desenvolvimento de submarinos de propulsão nuclear.

A busca diplomática argentina por recuperar a reputação da energia nuclear, abaladas por incidentes como de Chernobyl e Fukushima, fundamenta as novas políticas de energia do país. Entretanto, eventuais leituras de que a disseminação da nuclearização para fins energéticos seja capaz de contribuir para os objetivos climáticos propostos na COP26 não são consesuais. O posicionamento não encontra legitimidade em alguns países, ao exemplo da Alemanha, dado que Angela Merkel rechaçou classificar a construção de centrais nucleares como “investimento verde”, dado que seu país pretende desativar todas as centrais até 2022.



Além-do-horizonte: importância do Sul da Ásia para operações estadunidenses não-tripuladas*Victor Gaspar Filho*

Tramita no governo indiano o pedido de compra de US\$ 3 bilhões em 30 drones *MQ-9 Reaper* estadunidenses. A negociação faz parte de um momento de aproximação estratégica entre os dois países, que pode envolver a utilização do território indiano para o controle de meios não-tripulados estadunidenses no espaço asiático. Em discurso no dia do término da ocupação no Afeganistão, o presidente estadunidense Joe Biden afirmou que o monitoramento e a neutralização de grupos contrários ao interesse dos Estados Unidos (EUA) dentro e fora do território afegão se daria por meio de capacidades “além-do-horizonte”. A manutenção da presença estadunidense utilizando exclusivamente meios remotos em locais onde guerreou é algo novo. É justificável, segundo Biden, para proteger militares do país. Contudo, com a ausência de pessoal e infraestrutura estadunidenses em solo afegão, prejudica-se a capacidade de ataque, como também a atividade de inteligência.

Atualmente, operações além-do-horizonte dos Estados Unidos no Oriente Médio partem preferencialmente de bases no Catar ou nos Emirados Árabes Unidos. Isso implica, em uma rota para o Afeganistão, em cruzar o espaço aéreo paquistanês, circundando o Irã. Em virtude da extensão do trajeto e da autonomia limitada dos drones, a permanência no espaço aéreo afegão é comprometida.

Enquanto fontes na Casa Branca afirmam que os EUA estão em vias de formalizar um acordo para a utilização do solo paquistanês para conduzir incursões militares e atividade de inteligência no Afeganistão, o Paquistão é um país progressivamente alinhado à China, deteriorando sua relação com os EUA. A leste, a Índia parece um parceiro mais apropriado, dotado de posição geoestratégica favorável para a projeção de poder na região sob influência de adversários e competidores estratégicos estadunidenses, como Irã, a China e, mais ao norte, a Rússia. Ademais, o serviço de inteligência indiano mantém operações no norte do Afeganistão, coletando dados caros aos EUA.

Acredita-se que a postura realista de preservação dos interesses mais imediatamente estadunidenses poderá orientar não somente a atualização da definição de áreas de interesse, parceiros e inimigos circunstanciais, como também o emprego de meios existentes e emergentes. A Índia também utiliza meios militares russos, o que aumenta o interesse estadunidense em fortalecer a cooperação com o país. Com o deslocamento das áreas de interesse dos EUA para o Pacífico, sem que se deixe de atuar no Oriente Médio, o subcontinente indiano se reforça como um espaço crucial para a manutenção do poder estadunidense.

DOI 10.21544/2446-7014.n152.p08.

ÁFRICA SUBSAARIANA**Etiópia: Primeiro Adis Abeba, depois a Eritreia?***Franco Alencastro*

Após um ano de guerra, o conflito do Tigray evoluiu em um sentido desfavorável para o governo da Etiópia. De fato, o recuo das Forças Armadas Etíopes da região do Tigray, após derrotas consideráveis na cidade de Mekelle – onde milhares de tropas etíopes foram feitas prisioneiras em outubro de 2021 – deixou o caminho aberto para as tropas da Frente Popular de Libertação do Tigray (FPLT) até a capital Addis Abeba. A inversão da situação militar é tão grave que o governo do Primeiro-Ministro Abiy Ahmed declarou estado de emergência na primeira semana de novembro e pediu aos militares da reserva e civis moradores da capital que se juntassem ao esforço de defesa.

O agravamento da situação na Etiópia faz com que a retomada do poder pela FPLT, que governou o país, de fato, entre 1991 e 2018, se torne um cenário bastante possível. Essa possibilidade traz consequências para a recente normalização das relações entre a Etiópia e a

Eritreia. Após a ascensão do governo de Abiy Ahmed ([Boletim 143](#)), o mesmo protagonizou o esforço de reconciliação entre os dois países, que se separaram em 1991 e travaram uma guerra entre 1998 e 2000, sendo a região do Tigray uma das mais afetadas. A normalização das relações diplomáticas foi malvista pela FPLT e está na raiz da ruptura entre esta e Ahmed.

É inegável que a reaproximação entre a Etiópia e a Eritreia trazia consideráveis benefícios estratégicos para ambos os países. A independência da Eritreia privou a Etiópia do acesso ao Mar Vermelho; por sua vez, a Eritreia se viu isolada do mercado etíope, sendo até hoje um dos países mais pobres do mundo. Essa complementaridade de interesses ajuda a explicar por que tropas eritreias atuaram com empenho no conflito do Tigray, ao lado da Etiópia.

Caso a FPLT retome Addis Abeba e assuma a frente do Estado etíope, é provável que haja novo rompimento >>>

entre Eritreia e Etiópia. A chance de reaproximação entre os beligerantes é baixa, dada a ocorrência de casos severos de atrocidades cometidas por soldados da Eritreia na campanha do Tigray. A continuação das hostilidades entre a FPLT e a Eritreia é a possibilidade mais provável,

com a diferença que a primeira terá agora à sua disposição os consideráveis recursos da Etiópia. O conflito também deve aumentar, mais uma vez, a importância estratégica de Djibuti, que serviu durante anos como acesso da Etiópia ao Mar Vermelho.



DOI 10.21544/2446-7014.n152.p08-09.

EUROPA

No tabuleiro geopolítico europeu: Belarus vs União Europeia

Vitória França

Durante os últimos meses, a União Europeia (UE) vem acusando Belarus de orquestrar o aumento do fluxo de migrantes em suas fronteiras com a Polônia e a Lituânia como uma forma de retaliação pelas sanções crescentes que o país tem recebido ([Boletim 148](#)). Nesse contexto, uma situação perigosa está se desenvolvendo com a escalada de tensões na passagem de fronteira de Bruzgi-Kuznica, com milhares de imigrantes acampados em condições precárias, com temperaturas congelantes, na esperança de ingressar na Europa. Diante do impasse, como a União Europeia e, em especial a Polônia, vem movendo-se perante a crise?

Uma das primeiras medidas foi declarada por Josep Borrell, chefe da diplomacia europeia, que afirmou que serão adotadas sanções contra "todos aqueles envolvidos no tráfico ilegal de migrantes a Belarus, incluindo companhias aéreas, agências de viagens e funcionários governamentais". Além disso, os chefes de Estado da Alemanha e da Rússia dialogam para tentar, por meios diplomáticos, deter o avanço das tensões. Com isso, e

por pressão da diplomacia dos países europeus, a Turquia proibiu que iraquianos, sírios e iemenitas viajassem para o país, acusada de fomentar uma guerra híbrida usando imigrantes como "peões estratégicos".

De acordo com o primeiro-ministro polonês, Mateusz Morawiecki, entre as medidas previstas está o "fechamento total da fronteira para cortar as vantagens econômicas do regime", buscando atingir as fragilizadas bases econômicas de Belarus. De maneira mais agressiva, no dia 16 de novembro de 2021, forças militares polonesas dispararam gás lacrimogênio e canhões de água contra os migrantes que tentavam cruzar a fronteira, enquanto estes atiravam pedras contra os agentes. Fora tais ações e com as recentes ameaças bielarrussas de restringir o fluxo de petróleo enviado à UE, a Polônia, com forte apoio da OTAN que só se aplica em situações de emergência.

De maneira estratégica, Belarus explora a vulnerabilidade europeia com relação a sua política de migrantes no bloco. A escalada da crise sublinha »

novamente a porosidade das fronteiras europeias em meio a uma corrida por espaço geoestratégico na região. A tensão não será resolvida rapidamente. A preparação

para os próximos meses ditará quem sairá na frente na disputa, o que pode desencadear ações de instabilidade em massa por toda região.



DOI 10.21544/2446-7014.n152.p09-10.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

O papel da Defesa no desenvolvimento da indústria dos Emirados Árabes Unidos

Ana Luiza Colares e Isadora Jacques

Os Emirados Árabes Unidos (EAU) são o principal centro financeiro do Oriente Médio, da África e do Sul da Ásia. O país usufrui de uma área de alta relevância estratégica para o comércio internacional: o trajeto entre Golfo Pérsico e Mar Mediterrâneo interliga-se à Ásia e à Europa e perpassa algumas das principais rotas marítimas globais. Diante do evidente protagonismo regional dos EAU, qual a relevância de sua localização e indústria de Defesa, em especial marítima, para estratégia política e de desenvolvimento econômico do país?

Apesar da importância da segurança marítima para a estabilidade econômica da região, os Estados do Golfo Pérsico historicamente priorizaram forças aéreas e terrestres em detrimento das navais. Entretanto, desde o início da Guerra no Iêmen (Boletim 119), os EAU têm realizado esforços para impulsionar sua Marinha. Globalmente, outros atores têm expandido suas relações com os EAU, conforme a cooperação marítima viabilizada pela aproximação diplomática com Israel

em 2020 (Boletim 123). Os EAU, para além de seus interesses comerciais, iniciaram no dia 10 de novembro de 2021 o inédito exercício de segurança marítima com a 5ª Esquadra da Marinha dos Estados Unidos (EUA) e as forças navais de Bahrein e Israel, no Mar Vermelho. De forma mais ampla, a *IDEX 2021*, Feira e Conferência Internacional de Defesa, realizada bianualmente em Abu Dhabi, capital do país, confirmou a importância da indústria de Defesa para os EAU – um participante emergente e confiável no comércio global de armas – além de ter reforçado parcerias com compradores históricos como os EUA e Reino Unido.

Porém, evidencia-se que essas parcerias não estão sendo apenas firmadas com o intuito de construir laços diplomáticos como também visam ao desenvolvimento da autonomia emiradense no âmbito da Defesa. Na *IDEX 2021*, por exemplo, as empresas locais responderam por cerca de 50% das compras dos EAU, enquanto na edição anterior, em 2019, essa soma era de apenas 35%. »

Observa-se, então, que, situado em um *hub* crucial para remessas de energia e cargas comerciais globais, o país passou a introduzir um promissor aspecto para diplomacia e cooperação a nível global. Os EAU beneficiam-se da colaboração marítima para salvaguardar

a liberdade de navegação e o livre fluxo de comércio, essenciais para a segurança e estabilidade regionais, porém também aproveitam acordos para desenvolver sua própria indústria de Defesa nacional.



DOI 10.21544/2446-7014.n152.p10-11.

RÚSSIA & EX-URSS

A Ucrânia e os impasses da Aliança Atlântica no Mar Negro

Luiza Guitarrari

O Mar Negro é um dos palcos marítimos onde tensões entre Rússia e Ocidente tornam-se proeminentes. Eventos como a construção da ponte do Estreito de Kerch em 2018 (Boletim 73) e a recente concentração de tropas russas na fronteira ucraniana fomentam a preocupação internacional relacionada à segurança marítima e à iminência de um conflito direto. Para tanto, Kiev conta com apoio militar e econômico de potências como Estados Unidos e Reino Unido, países que se alternam ora no fornecimento de armamentos, ora nos investimentos no setor naval (Boletim 143). Desse modo, como os países da OTAN podem auxiliar na proteção das

fronteiras ucranianas?

Desde 2018, a Ucrânia investe na expansão de suas capacidades navais, visando salvaguardar os interesses do país no Mar de Azov e Mar Negro. A medida está em consonância com a Estratégia para o Desenvolvimento das Forças Navais até 2035, que prevê a construção de uma base naval em Berdyansk em sua primeira fase (2019-2025). A notícia foi divulgada no início de novembro pelo novo ministro de Defesa da Ucrânia, Oleksiy Reznikov, chamando a atenção principalmente do Kremlin. Dias depois, em 11 de novembro, o exercício de passagem marítima (PASSEX, na sigla em inglês) reuniu »

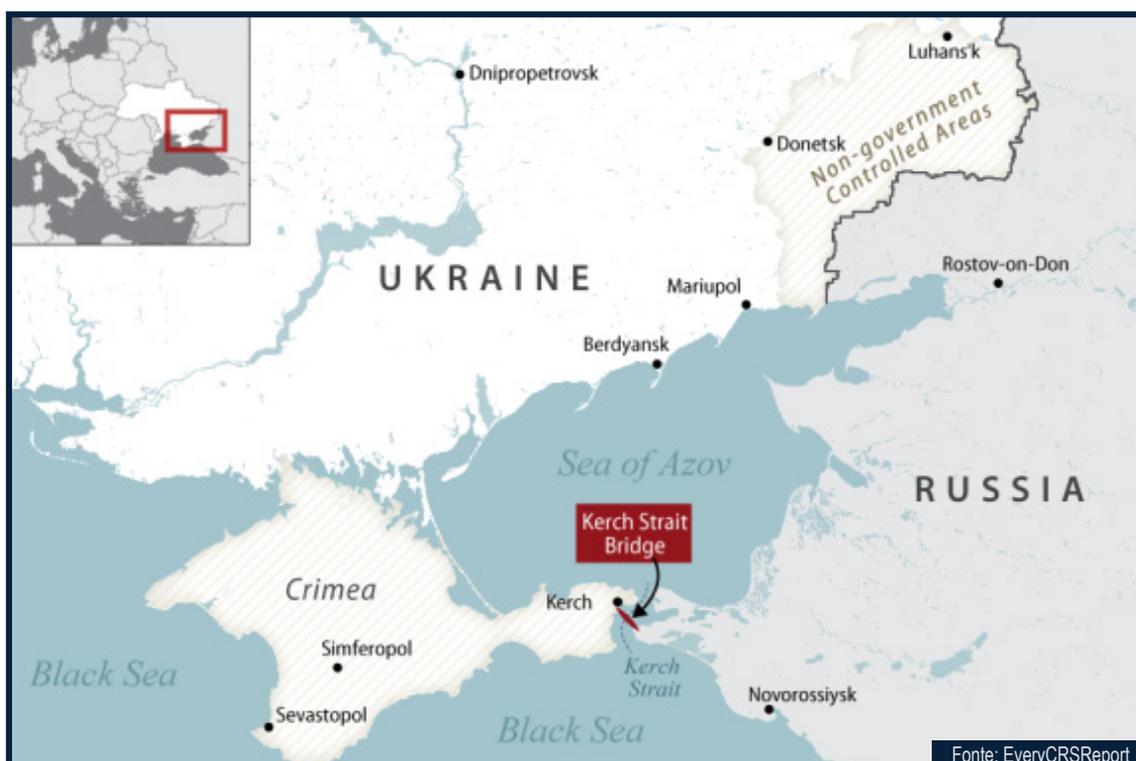
navios militares dos Estados Unidos, Romênia, Turquia e Ucrânia. Dentre as embarcações participantes, destacam-se os navios da 6ª Esquadra estadunidense: o *USS Mount Whitney* e o contratorpedeiro *USS Porter*, e o navio-patrolha ucraniano da classe *Sloviansk*. Foram realizadas manobras táticas e exercícios básicos de comunicações, com o objetivo de exercitar a interoperabilidade segundo os padrões da OTAN.

Embora considerado um exercício regular da Ucrânia, a atividade consternou o Ministério de Defesa russo. Isso contribuiu diretamente para o recrudescimento da presença militar russa, como estratégia de desestabilização, principalmente na região de Donbass. No âmbito marítimo, aumentou-se a fiscalização sobre a

zona de exclusão do Mar Negro, restringindo a atividade de navios ucranianos, restringindo a atividade de navios.

Enquanto não-membro da OTAN, não há garantias, no escopo do Artigo V da Aliança, de defesa mútua, à Ucrânia em caso de um conflito direto com a Rússia. Além disso, alguns Estados-membros, inclusive os Estados Unidos, não pretendem expandir a Aliança Atlântica a um país que já se encontra travado em hostilidades.

Portanto, o Mar Negro apresenta sérias tensões oceanopolíticas, sendo a Ucrânia o limiar entre o flaco atlântico e a Rússia. Porém, é notável que o apoio ocidental deve permanecer centrado apenas na assistência militar pontual e não como parte de uma estratégia conjunta que perpassa por ações de defesa mútua.



DOI 10.21544/2446-7014.n152.p11-12.

LESTE ASIÁTICO

O impacto sistêmico do encontro virtual entre Joe Biden e Xi Jinping

Philippe Alexandre

A videoconferência entre os Presidentes dos Estados Unidos, Joe Biden, e da China, Xi Jinping, no dia 15 de novembro, foi destaque internacional. Muitos analistas aguardavam-na com a expectativa de que os dois líderes aliviassem as tensões econômico-comerciais, militares e geopolíticas que afetam a plena retomada econômica global pós-pandemia. Contudo, até que ponto é possível esperar um arrefecimento nas relações políticas entre as duas potências? Nesse texto, argumenta-se que essa disputa estratégica entre China e Estados Unidos permanecerá no longo e médio prazos, independentemente de Xi e Biden.

O encontro de três horas tratou de temas relevantes

nas relações bilaterais sino-estadunidenses: Direitos Humanos, Taiwan, tarifas comerciais, clima, energia. No que tange a estes dois últimos pontos, os líderes concordaram em estimulá-los, ampliando a cooperação e os investimentos. Todavia, nos demais pontos, não houve convergências. Nesse sentido, como o atual sistema internacional encontra-se atravessado pela competição estratégica entre esses dois países, os possíveis efeitos negativos correlatos têm sido fator de preocupação, dado que ambos representam 40% da economia global. Sendo assim, as tensões entre China e Estados Unidos, no que tange ao status internacional de Taiwan, às guerras cambiais e tarifárias, aos Direitos Humanos de »

minorias étnico-religiosas na China, ao desenvolvimento tecnológico e à modernização das capacidades militares são temidas, pois poderiam desencadear um conflito bélico entre as duas maiores potências.

No entanto, embora potencialmente prejudicial, deve-se observar que tal disputa estratégica é fator estruturador do atual sistema internacional, com diversos atores internacionais valendo-se dela. Em outras palavras, o desenvolvimento chinês e as implicações sistêmicas que ele proporciona levam muitos países a estreitar relações com Pequim, e outros a contestá-la. No primeiro grupo, por exemplo, encontram-se Argentina, Chile, Coreia do Norte, Irã, Paquistão, Rússia; e, no segundo: Austrália,

Canadá, Índia, Vietnã, Taiwan – estes naturalmente tendem a se aproximar da potência ameaçada pela ascensão chinesa: os Estados Unidos.

Portanto, é improvável que Joe Biden e Xi Jinping pacifiquem a disputa sino-estadunidense, pois ela tem orientado a inserção internacional dos países, de modo a maximizar seus ganhos (como mostra a imagem). Isso contribui sobremaneira para defini-la mais do que uma característica meramente conjuntural, mas como um elemento estruturante das relações internacionais. Além da vontade dos grupos internos chineses e estadunidenses, o ambiente e os interesses externos definem as relações bilaterais entre Pequim e Washington.



DOI 10.21544/2446-7014.n152.p12-13.

SUL DA ÁSIA

Os desdobramentos da aproximação entre Índia e França para a dinâmica do Indo-Pacífico

Iasmin Gabriele Nascimento

Nova Déli é um dos principais atores envolvidos nas dinâmicas geopolíticas da região do Pacífico. Sua potencial capacidade de tornar-se um contrapeso aos avanços chineses na região é central para os países ocidentais que temem a expansão de Pequim. A região do Indo-Pacífico hoje é considerada o *hub* do comércio marítimo mundial, e tanto China quanto Índia são extremamente dependentes das rotas marítimas da região. Fica claro, então, que as dinâmicas de poder que envolvem esse local são sensíveis. Recentemente, foi anunciado que a França decidiu estabelecer parcerias com a Índia para uma aliança estratégica que visa ao Indo-Pacífico. Cabe compreender o impacto da aproximação entre França e Índia para a dinâmica regional.

O AUKUS, aliança estratégica recentemente estabelecida entre Austrália, Estados Unidos e Reino Unido objetiva uma cooperação em tecnologia de Defesa entre os três países, o que chamou atenção de outras

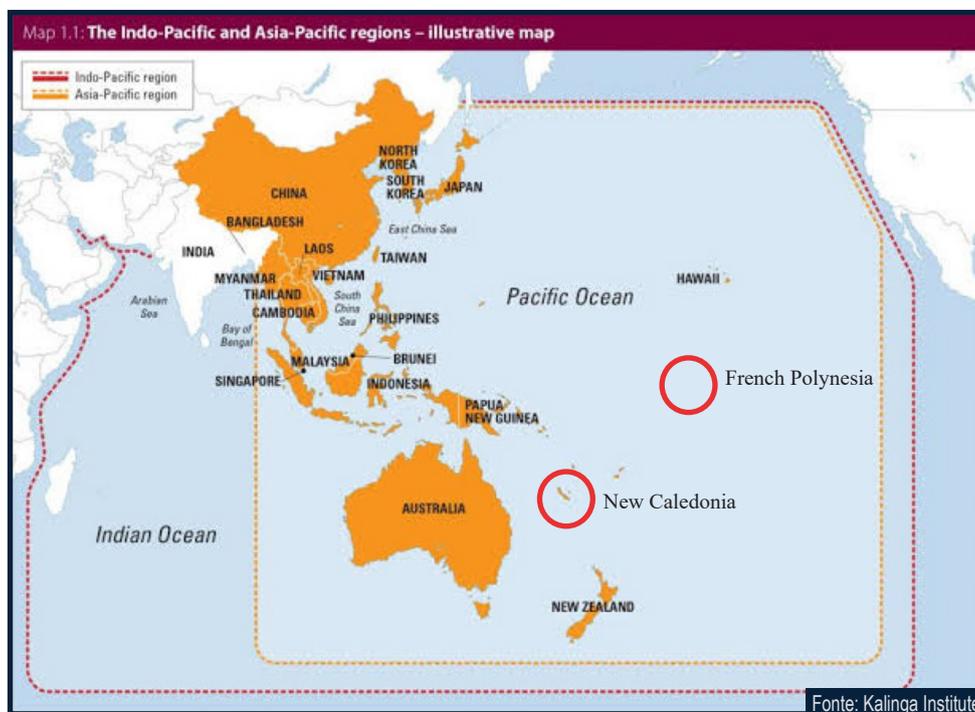
potências, especialmente no que diz respeito ao equilíbrio de poder no Indo-Pacífico. Apesar de sua relevância para a região, a Índia não faz parte do acordo ([Boletim 149](#)). Como relatado no ([Boletim 148](#)), a Austrália possuía um contrato para a construção de submarinos com a empresa francesa *Naval Group*, que foi cancelado após o estabelecimento da aliança, gerando, assim, inquietações no país europeu. Após a instituição da aliança, Paris decidiu buscar novos parceiros estratégicos na região, optando por reforçar laços com Nova Déli e Jacarta, que também é central para o equilíbrio regional.

Além disso, Índia e França têm buscado fortalecer suas relações bilaterais em campos estratégicos para a defesa de ambos, que envolvem, entre outras coisas, cooperação operacional; inclusive, realizaram também parcerias no setor espacial ([Boletim 150](#)). Paris objetiva reforçar laços com potências marítimas, e comprometeu-se com o país sul asiático a expandir exercícios navais »

bilaterais, além de visar a novos engajamentos em domínios cibernéticos. As relações bilaterais entre os dois Estados têm forte embasamento na cooperação em assuntos de Defesa. Cabe destacar que a França possui territórios ultramarinos no Pacífico Sul - a Polinésia Francesa e a Nova Caledônia.

A Índia é um ator relevante para o tabuleiro

geopolítico do Indo-Pacífico. Exercer centralidade na região para além do QUAD é crucial para que Nova Délhi possa, de fato, defender seus interesses nas águas do Índico. Portanto, aproximar-se da França tem se mostrado uma opção que agrada a ambos os países e que os permite manter suas posições, apesar da formação da nova parceria que não os inclui.



DOI 10.21544/2446-7014.n152.p13-14.

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Mianmar: crise interna e seus efeitos externos

Thayná Fernandes

Após quase uma década de governo democrático, tendo vivido mais de 60 anos sob regime militar, em fevereiro deste ano, Mianmar sofreu um novo revés em seu cenário político: questionando o resultado das eleições, os militares tomaram o poder, prenderam a então líder Aung San Suu Kyi, a cúpula de seu governo e declararam estado de sítio por um ano. Passados dez meses desde o golpe à democracia birmanesa, de que forma sua realidade doméstica impacta a geopolítica regional do Sudeste Asiático?

Conforme apontado no (Boletim Geocorrente 133), o cenário piorou e vem se agravando de maneira drástica, pois os protestos contra o governo continuam acontecendo, mais de mil pessoas já foram mortas e outras nove mil estão presas. Ainda, além da violência nos protestos, há também os conflitos ocorridos entre as forças armadas do governo e as dos grupos insurgentes: o estado Chin, um dos que mais contou com demonstrações de resistência ao golpe militar, vem sendo fortemente atacado, tendo

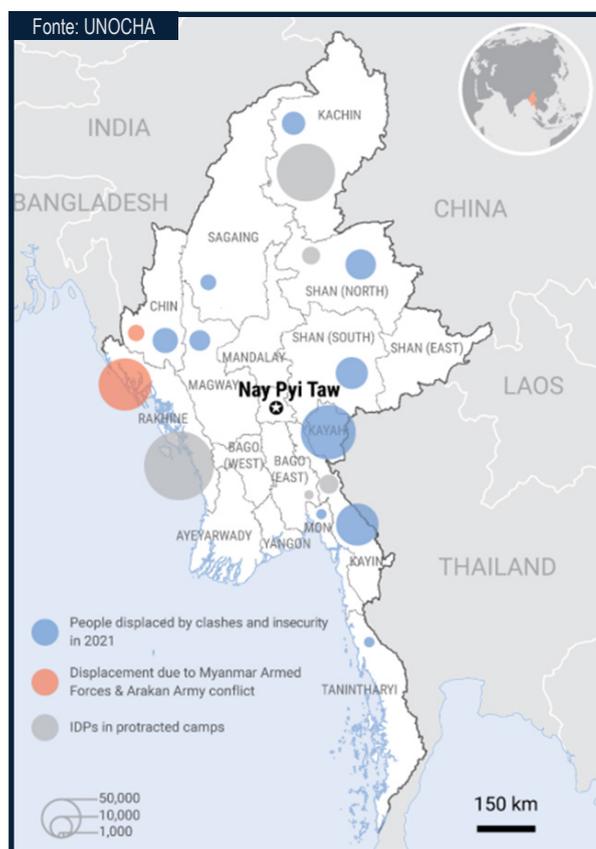
casas e igrejas incendiadas e bombardeadas. Estima-se que cerca de 10 mil moradores tenham deixado a região. Ao todo, apenas em 2021, mais de 200 mil pessoas estão em situação de deslocamento interno. Somam-se a este difícil quadro os efeitos da terceira onda de COVID-19, a expectativa do Banco Mundial de contração econômica em 18% e a perspectiva do *World Food Program* de que 6.2 milhões de habitantes cheguem em situação de insegurança alimentar.

Consequentemente, mais de 1 milhão de pessoas já deixaram o país, boa parte indo para a Índia e Tailândia. A ASEAN, embora tenha tentado definir ações diante desta crise, demorou cerca de três meses para indicar o enviado especial da Associação, que dialogaria com o Tatmadaw. Ademais, após não ter nenhum avanço na resolução dos problemas, excluiu Mianmar da Cúpula realizada em outubro. Em novembro, o jornalista norte-americano Danny Fenster, detido há seis meses, foi condenado a 11 anos de prisão; o ex-embaixador estadunidense na

ONU Bill Richardson, liderou as negociações com o comandante da junta e conseguiu a soltura e extradição do jornalista.

Portanto, a situação birmanesa tem se agravado profundamente, gerando insegurança nacional cujos efeitos já estão sendo sentidos em países do entorno, que

recebem hordas de imigrantes. Embora haja constante pressão ao Conselho de Segurança da ONU para que tenha um posicionamento mais robusto, a proximidade política e diplomática entre China e Mianmar dificulta que ações mais contundentes sejam realizadas.



DOI 10.21544/2446-7014.n152.p14-15.

ÁRTICO & ANTÁRTICA

O despertar da Malásia na Antártica

Enquanto alguns países atraem a atenção para suas políticas antárticas, outros gradativamente se inserem no continente sem muito barulho, porém de forma incisiva. É o caso da Malásia, que assinou no mês passado um memorando de entendimento para a cooperação antártica com a Ucrânia, reforçando sua presença no sexto continente e abrindo espaço para a pergunta: o que um país tão distante do Polo Sul pretende na Antártica?

A história da Malásia no continente começou em 1983, quando o país sugeriu à ONU que a Antártica se tornasse patrimônio da humanidade, a fim de evitar que os Estados mais ricos e já estabelecidos regionalmente se aproveitassem da exploração mineral ali. Tornou-se membro não-consultivo do Tratado da Antártica em 2011, sendo até os dias atuais a única nação da ASEAN a integrar o mesmo, tendo um centro de pesquisa antártica próprio. Além da cooperação ser o principal vetor do

Gabriele Hernandez

Tratado, o isolamento da Malásia no Polo Sul faz com que a busca por parceiros antárticos signifique economia de recursos, facilidade logística, troca e desenvolvimento de conhecimento científico e tecnológico em regiões polares.

O discurso ambiental é bastante presente a fim de justificar a presença da Malásia no continente, porém o Tratado da Antártica toca em outros fatores para o país. Encabeçar a pesquisa polar é vantajoso para a Malásia dentro da ASEAN no que tange ao conhecimento e à pesquisa científica, e tem potencial catalisador para que outros Estados do grupo façam o mesmo. De maneira semelhante, tem a maior presença antártica dentro da Organização da Conferência Islâmica, sendo a Turquia outro país que vem se destacando no sexto continente e uma possível concorrente na corrida polar dentro da organização.

Assinar memorandos de entendimento voltados para a Antártica são indicativos de quais nações são

estrategicamente vantajosas para se apoiar na região, além da afinidade geopolítica. A Ucrânia é membro-consultivo do Tratado desde 1992, sua presença regional é bem consolidada, coopera com diversos parceiros e possui estrutura antártica robusta. A parceria com o país indica que a Malásia pode, em breve, se tornar membro-consultivo do Tratado. Pensando na Antártica não só como

grande reserva de petróleo e gás natural, mas também a maior reserva de água doce do mundo, os investimentos malaios são justificados em relação à segurança hídrica. Além disso, o derretimento das calotas polares significa uma ameaça a países com extensa área costeira, como é o caso da Malásia.



DOI 10.21544/2446-7014.n152.p15-16.

TEMAS ESPECIAIS

O uso do vento para mitigação das emissões pelo transporte marítimo

Alessandra Brito

Para atender a uma norma da Organização Marítima Internacional (IMO, em inglês) vigente desde 01 de janeiro de 2020, os armadores e outros *players* do setor marítimo estão aprimorando diversas tecnologias para adaptar os navios. A intitulada “IMO 2020” determina que a emissão de dióxido de enxofre pelos navios seja reduzida de 3,5% para 0,5%. Essa mudança representa uma diferença de 86% e está alinhada aos objetivos da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas.

Um dos projetos promissores é o de propulsão utilizando vento, que consiste em três soluções diferentes para a propulsão assistida pelo vento no mar. O projeto é denominado “Propulsão de Navio Assistida pelo Vento”

(WASP, sigla em inglês), uma iniciativa internacional com o objetivo de promover a mudança ambiental e sustentável no transporte marítimo. Ele é financiado pelo programa *Interreg North Sea Europe* no âmbito do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER, sigla em inglês) no valor de US\$5,4 milhões de euros.

Existem atualmente três soluções disponíveis. A primeira é a *Ventifoils* ou as chamadas “asas de sucção”, um sistema de propulsão que consiste em asas não rotativas com aberturas de ventilação e um ventilador interno que usa sucção da camada limite para reduzir o arrasto e melhorar a eficiência do combustível. A segunda envolve o uso de velas de asas fixas que são usadas para >>>

capturar a força do vento e impulsionar o navio. A terceira diz respeito a rotores *Fletcher* ou velas rotativas que fazem uso do chamado “Efeito Magnus” para propulsão, que são rotores cilíndricos instalados no convés principal que giram, associados ao efeito do vento, criando uma força que auxilia no impulsionamento do navio.

Todas essas três soluções foram instaladas a bordo dos navios de teste de propriedade das empresas *Van Dam*, *Boomsma*, *Tharsis*, *Rörd Braren Shipping Company* e *Scandilines*. Assim, através da coleta de dados extensivos sobre propulsão por energia eólica, o grupo de projetos

produz informações valiosas que se mostram eficazes no desenvolvimento de soluções sustentáveis. Essa tecnologia possui pretensões futuras de testes em navios de carga nas águas do Ártico.

Em âmbito nacional, uma importante contribuição está sendo feita pela empresa brasileira Vale, que recebeu no dia 11 de novembro de 2021 o prêmio *Wind Propulsion Innovation Awards*, por utilizar a tecnologia de velas rotativas (*Rotor Sails*) pela primeira vez em um mineraleiro de grande porte. A iniciativa da companhia está aliada a outros projetos do seu programa *Ecoshipping*.



DOI 10.21544/2446-7014.n152.p16-17.

- ▶ [China's Hypersonic Missile Test Does Not Change the Nuclear Calculus](#)
RUSI, Ananmay Agarwal e Ryan J A Harden
- ▶ [Enhancing Democratic Partnership in the Indo-Pacific Region](#)
CSIS, Michael J. Green, Nicholas Szechenyi e Hannah Fodale
- ▶ [Nicaragua chronicle is of a democracy's death foretold](#)
CHATHAM HOUSE, Bianca Jagger e Christopher Sabatini
- ▶ [The EU Migrant Crisis: Options for Border Security and U.S. Interests](#)
THE WASHINGTON INSTITUTE, Kenneth R. Rosen
- ▶ [The Middle East: exploring the limits of pragmatism](#)
IISS, John Raine

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Isadora Jacques e Raphaella Costa

NOVEMBRO

25	25-26	28	28
			
COMISSÃO EUROPEIA FÓRUM DE INFRAESTRUTURA DE ENERGIA	ESLOVÊNIA 15ª CONFERÊNCIA DO PLANO ESTRATÉGICO DE TECNOLOGIA DE ENERGIA	HONDURAS ELEIÇÕES GERAIS	BRASIL INÍCIO DO EXERCÍCIO MILITAR CONJUNTO CORE ENTRE EUA E BRASIL
29	30	30	30
			
SUÍÇA SESSÃO ESPECIAL DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE	CONSELHO DO ÁRTICO REUNIÃO PLENÁRIA DO EXECUTIVO SÊNIOR	BÉLGICA INÍCIO DO EXERCÍCIO STEADFAST JACKAL 21	VIRTUAL INÍCIO DA EXPOSIÇÃO GREEN TECH

DEZEMBRO

01	01-03	04	05-09
			
DIA DA ANTÁRTICA 62º ANIVERSÁRIO DA ASSINATURA DO TRATADO	COSTA DO MARFIM FÓRUM DE INVESTIMENTO DA ÁFRICA	GÂMBIA ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS	EUA 23º CONGRESSO MUNDIAL DO PETRÓLEO

REFERÊNCIAS

- **Energia, clima e estratégia: o projeto argentino de nuclearização e projeção de poder**
[Rafael Grossi Has a Plan to Stop Future Pandemics](#). *Foreign Policy*, Washington, 24 mar. 2021. Acesso em 19 nov. 2021.
[Avanza la construcción de una Central Nuclear con financiamiento chino en la Provincia de Buenos Aires](#). *La Ruta China*, [s.l.], 30 ago. 2021. Acesso em 19 nov. 2021.
- **Parceria Peru-Coreia do Sul e a contínua crise política**
FOWKS, J. [100 días de errores y enmiendas de Pedro Castillo](#). *El País*, Lima, 11 nov. 2021. Acesso em: 18 nov. 2021.
[SIMAPERÚ, EMPRESALIDEREN CONSTRUCCIONES Y REPARACIONES NAVALES EN EL PACIFICO SUR INICIA IMPORTANTE PROCESO DE MODERNIZACION Y AMPLIACION DE SUS ASTILLEROS](#). *SIMA*, Aliso Viejo, 12 nov. 2021. Acesso em: 18 nov. 2021.
- **Além-do-horizonte: importância do Sul da Ásia para operações estadunidenses não-tripuladas**
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [Presidência da República. Remarks by President Biden on the End of the War in Afghanistan](#). 31 ago. 2021. Acesso em: 19 nov. 2021.
[America bombs Islamic State. Once it quits Afghanistan, can it still?](#). *The Economist*, Londres, 27 ago. 2021. Acesso em: 19 nov. 2021.
- **Etiópia: Primeiro Adis Abeba, depois a Eritreia?**
NEUMAN, S. [Rebels are closing in on Ethiopia's capital. Its collapse could bring regional chaos](#). *NPR*, Washington, 9 nov. 2021. Acesso em 18 nov. 2021.
WALSH, D. [After Sudden Defeat, Captured Ethiopian Soldiers Are Marched to Prison](#). *The New York Times*, Nova Iorque, 12 out 2021. Acesso em 18 nov. 2021.
- **No Tabuleiro Geopolítico Europeu: Belarus vs União Europeia**
[Europe Made a Deadly Bargain With Autocrats. Here's What Happened](#). *The New York Times*, Nova Iorque, 19 nov. 2021. Acesso em: 19 nov. 2021.
[Morte e sofrimento na fronteira entre Polônia e Belarus](#). *Deutsche Welle*, Bonn, 18 nov. 2021. Acesso em: 18 nov. 2021.
- **A projeção de poder naval dos Emirados Árabes Unidos**
[US, Israel, Bahrain and UAE Launch First Joint Naval Training Exercise](#). *The Maritime Executive*, 11 nov. 2021. Acesso em: 19 nov. 2021.
SOUBRIER, E. [IDEX 2021: The UAE Confirms Its Shifting Tide in Defense Procurement](#). *The Arab Gulf States Institute in Washington*. *Deutsche Welle*, Bonn, 02 mar. 2021. Acesso em: 19 nov. 2021.
- **A Ucrânia e os impasses da Aliança Atlântica no Mar Negro**
[How to Energize NATO's Response to Russia's Threats Against Ukraine](#). *Council Foreign Relations*, 19 nov. 2021. Acesso em: 19 nov. 2021.
[Strengthening Ukraine's Black Sea Navy to be a Bulkhead Against Russia](#). *Ponars Eurasia*, 22 out. 2021. Acesso em: 17 nov. 2021.
- **O impacto sistêmico do encontro virtual entre Joe Biden e Xi Jinping**
[Biden e Xi Jinping fazem reunião virtual com tensão militar e geopolítica](#). *Exame*, São Paulo, 16 nov. 2021. Acesso em: 19 nov. 2021.
WANG, C. [US-China relations: key quotes from Xi Jinping and Joe Biden's virtual summit](#). *South China Morning Post*, Hong Kong, 17 nov. 2021. Acesso em: 19 nov. 2021.
- **Os desdobramentos da aproximação entre Índia e França para a dinâmica do Indo-Pacífico**
HAIDAR, S. [NSA Ajit Doval holds strategic dialogue with France](#). *The Hindu*, Chennai, 06 nov. 2021. Acesso em: 10 nov. 2021.
[France taps India, Indonesia for 'true' partnerships after Aukus debacle](#). *South China Morning Post*, Hong Kong, 31 out. 2021. Acesso em: 10 nov. 2021.
- **Mianmar: crise interna e seus efeitos externos**
[The Deadly Stalemate in Post-coup Myanmar](#). *International Crisis Group*, [s.l.], 20 out. 2021. Acesso em: 10 nov. 2021.
WEE, S. [Thousands Flee Myanmar for India Amid Fears of a Growing Refugee Crisis](#). *The New York Times*, Nova Iorque, 20 out. 2021. Acesso em: 10 nov. 2021.
- **O despertar da Malásia na Antártica**
HAMZAH, B.A. [Malaysia and the 1959 Antarctic Treaty: a geopolitical interpretation, 2011](#). *The Polar Journal*, Vol. 1, No. 2, Dezembro. 2021.
[Malaysia, Ukraine ink historic MoU to enhance cooperation in Antarctic research](#). *The Star*, Kuala Lumpur, 26 out. 2021. Acesso em: 19 nov. 2021.
- **O uso do vento para mitigação das emissões pelo transporte marítimo**
[IMO 2020 – cutting sulphur oxide emissions](#). *International Maritime Organization*, Londres, [s.d.]. Acesso em: 10 nov. 2021
JONASSEN, T. [Want to Use Wind to Lower Emissions in Shipping](#). *High North News*, Bodø, 26 aug. 2021. Acesso em: 15 nov. 2021.

Os mapas iniciais (pág 04 e 05) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Isadora Novaes e Vitória França

► ALTO RISCO:

- AFEGANISTÃO - Crise estrutural: [Afghanistan 'on the brink of catastrophe': UN envoy | News. Al Jazeera](#), 18 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
- ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Ethiopia – Tigray: Fears grow of ‘descent into warlordism’ if TPLF takes Addis. The Africa Report](#), 18 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
- GUINÉ - Golpe de Estado: [Guinea's transitional president promises smooth transition of power. Africa News](#), 18 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
- HAITI - Crise estrutural: [Les Forces Armées d’Haïti veulent avoir des moyens pour lutter contre les groupes armés. Le Nouvelliste](#), 19 nov. 2021. Acesso em: 20 nov. 2021.
- IÊMEN - Guerra civil e crise humanitária: [Yemen 'confident' of holding key city of Marib, FM says. France 24](#), 21 nov. 21. Acesso em: 22 nov. 2021.
- LÍBANO: Crise estrutural: [Turkey offers to support talks to resolve Lebanon-GCC crisis. Al Jazeera](#), 16 nov. 21. Acesso em: 22 nov. 2021.
- SUDÃO - Golpe de Estado: [More Protests Expected in Sudan Despite Reinstatement of Prime Minister. VOA News](#), 22 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
- VENEZUELA - Crise estrutural: [Maduro materializa otra farsa electoral y se queda con 20 gobernaciones. ABC Internacional](#), 22 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.

► MÉDIO RISCO:

- BELARUS - Tensões com o bloco europeu: [O que você precisa saber sobre a tensão na fronteira entre Polônia e Belarus. CNN](#), 12 nov. 2021. Acesso em: 18 nov. 2021.
- LESTE EUROPEU - Instabilidade regional pela crise migratória com Belarus (NOVO EM MÉDIO RISCO): [Merkel e líder de Belarus discutem crise na fronteira com UE. DW](#), 16 nov. 2021. Acesso em: 18 nov. 2021.
- MALI - Instabilidade política: [French troops quit northernmost post in Mali, second base in one month. Africa News](#), 17 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.

- MIANMAR - Golpe militar: [China-ASEAN summit begins without a Myanmar representative](#). **Al Jazeera**, 22 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Situation In Mozambique Beginning To Stabilize](#). **Eurasia Review**, 22 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - SÍRIA - Insegurança regional: [Nearly 30,000 children killed since start of Syria's war: Rights group](#). **Daily Sabah**, 21 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [Completion of Somalia elections more important than ever: UN envoy](#). **UN News**, 17 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - UCRÂNIA - Tensões transfronteiriças com a Rússia: [Russia sounds alarm over 'NATO push' to arm Ukraine](#). **Al Jazeera**, 22 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
- EM MONITORAMENTO:
- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Reacende-se o conflito no Nagorno-Karabakh](#). **Euro News**, 16 de nov 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - CHINA - Crise energética: Chinese Ripples: [With Holidays Here, How Much Longer Will This Supply Chain Crisis Last?](#). **Forbes**, 21 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - COLÔMBIA - Crise estrutural: [Cinco años del acuerdo de paz: ojo al catastro multipropósito](#). **El Espectador**, 21 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - EQUADOR - Crise de segurança pública: [Ecuador: renuncian los jefes de prisiones y de las Fuerzas Armadas por la crisis en el penal del Litoral de Guayaquil](#). **El Espectador**, 21 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [Gulf of Guinea piracy: NIMASA calls for uniformity in fight against maritime insecurity](#). **Nairametrics**, 17 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - IRÃ - Tensões com o Azerbaijão: [Iran, Azerbaijan agree to agree on gas](#). **Eurasianet**, 22 nov 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - LÍBIA - Em cessar-fogo: [Libya's interim leader to run for president despite pledging not to](#). **The Guardian**, 22 nov 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - MAR DO SUL DA CHINA - Exercícios navais e presença de potências extrarregionais: [President Xi: China will not seek dominance over Southeast Asia](#). **Al Jazeera**, 22 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - MÉXICO - Crise migratória: [Autoridades mexicanas encuentran a 600 migrantes escondidos en dos tráileres en Veracruz](#). **CNN**, 21 nov. 2021. Acesso em: 21 nov. 2021.
 - NICARÁGUA - Crise política: [Ortega anuncia la salida de la OEA tras el rechazo a las elecciones de Nicaragua](#). **El País**, 19 nov. 2021. Acesso em: 21 nov. 2021.
 - NÍGER - Aumento da atividade terrorista: [Gunmen Kill at Least 25 in Southwest Niger](#). **VOA News**, 17 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - TAIWAN - Embate China-EUA: [Biden-Xi talks: China warns US about 'playing with fire' on Taiwan](#). **BBC**, 16 nov. 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.
 - TUNÍSIA - Instabilidade Interna: [Tunisia conduz preparativos para 'sair da fase de medidas excepcionais'](#). **Monitor do Oriente**, 22 nov 2021. Acesso em: 22 nov. 2021.